

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE ENSINO: LÍNGUA PORTUGUESA PARA ÍNDIOS MUNDURUKU

BORGES, Águeda Aparecida da Cruz¹
“CAMPUS” UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA/UFMT
guidabcruz@uol.com.br

Resumo: Uma experiência com Educação Escolar Indígena exige que nos deixemos afetar pelo modo de ser índio. A atitude de abrir-se ao Outro possibilita trabalhar em cooperação. Assim, o professor indígena como interlocutor, é fundamental. Apresentamos um trabalho no **Projeto Ibaorebu de Ensino Médio Integrado Munduruku**, na aldeia Sai-Cinza, no Pará. O Curso foi distribuído etapas baseado em diversos tipos de texto que circulam numa sociedade de escrita. A língua foi tomada em funcionamento, fazendo sentido. Consideramos que os Munduruku, assim como outros povos indígenas, não estão livres do conflito, na tensão do inevitável contato.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Projeto Ibaorebu; Índios Munduruku.

Résumé: Une expérience avec l'éducation autochtones exige que nous nous affectent par voie d'être Indien. L'attitude d'ouverture à l'autre possibilité de travailler en coopération. Ainsi, l'enseignant autochtone en tant que partenaire est essentielle. Voici un travail en projet Ibaorebu école intégrée Munduruku haute dans le village de Sai-Cinza, terrain de Para a été distribué étapes basées sur différents types de textes qui circulent dans une société de l'écriture. La langue a été mis en service, donner un sens. Nous croyons que le Munduruku, ainsi que d'autres peuples autochtones, ne sont pas exemptes de tout conflit, la tension dans le contact inévitable.
Mots-clés: langue portugaise, projet Ibaorebu; Indiens Munduruku.

Introdução

Uma das exigências quando assumimos o trabalho com Educação Escolar Indígena se pauta em deixarmos-nos afetar pelo modo de ser índio. A atitude de abrir-se ao jeito de ser do Outro possibilita a cooperação no tempo-espço onde a educação escolar se faz com os sujeitos envolvidos no processo.

Para essa apresentação quero mostrar o efeito de sentido de uma história povoada pelo contato com povos indígenas diversos, desde 1982. O encontro vem se constituindo de várias maneiras: no convívio amigo, na pesquisa, nas relações de ensino aprendizagem em via de mão dupla, pois tanto aprendo quanto, ao me inscrever como professora de Língua Portuguesa (LP2), tento ensinar.

1- Algumas reflexões

Escolhi, dentre os trabalhos realizados com alguns povos, uma experiência com Ensino de LP2 para os Munduruku do Pará, desenvolvido na Aldeia Sai-Sinza.

¹ Professora de Linguística, no Curso de Letras do *CAMPUS* UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA/UFMT.

DOUTORANDA: DINTER-UNICAMP/UNEMAT/CAPES/FAPEMAT.

No processo formal de escolarização indígena, objeto de preocupação tanto das comunidades e organizações indígenas quanto do Ministério da Educação e Secretarias de Estado e Municipais, o desafio, hoje, por parte de índios/não-índios, é investir na “descolonização da escola indígena” (Orlandi, 1999), superar os modelos de escola que foram/são transportados para as aldeias, ou seja, é trabalhar pela construção de uma escola indígena, na especificidade de cada povo, de cada comunidade, fazendo sair do papel as propostas da chamada *educação diferenciada*. Do modo como nos fala o prof. Manuhari, em reunião de preparação para o início do Projeto, do qual falaremos adiante.

Cada um tem seu destino, e o da gente é diferente do destino dos pariwat. É importante que a gente mantenha nossos valores frente ao mundo dos brancos. É preciso continuar os estudos, é! Mas do jeito que a gente precisa, de acordo com nossas necessidades, nossos interesses. Ninguém precisa de rapaz e moça que estuda na cidade e acaba não sabendo fazer nada na aldeia. " (Rafael Manuhari, Professor indígena).

A proposta pedagógica do Projeto apresenta os chamados **Eixos integradores da matriz curricular**: *Linguagens e Comunicação no contexto das relações entre índios e não índios. Identidade e Diversidade na sociedade contemporânea. O valor e uso dos etnoconhecimentos no contexto atual*. O Projeto tem como princípio metodológico a articulação da pesquisa ao ensino, buscando a construção de um diálogo com base na interculturalidade e intercientificidade. Uma das “diferenças” e que caracteriza a especificidade do IBAOREBU está na escolha dos materiais, na abordagem metodológica, na avaliação e, na relação com as condições de produção em que se encontra o povo Munduruku.

Para levar a cabo a proposta, algumas áreas do conhecimento são indispensáveis, de modo especial: a Pedagogia e a Linguística, no entanto para que isso ocorra carece de um deslocamento, ideia que eu partilho com a prof^a. Judite Albuquerque².

A Pedagogia, que tem abdicado do caráter de ciência da educação para se reduzir a um discurso afirmativo, sagrado, definido, normativo, necessitaria assumir mudanças profundas no seu enfoque e, abrir mão do que já está previsto, alicerçado pelos poderes e saberes que determinam como é/deve ser a educação escolar. Para realizar a *escola diferenciada*, carece abrir-se ao atual. Lembrar que um número significativo de indígenas, das mais diversas etnias, não está somente nas aldeias, mas na cidade, ou na relação com o mundo urbano, com o Outro, com sociedades que têm suas formas próprias de organização. Assim como outras sociedades vão sobrevivendo se (re)construindo no conflito, na tensão do inevitável contato, há mais de cinco séculos.

* Prof^a. de Linguística do Curso de Letras do CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA/UFMT

E-mail: guidabcruz@uol.com.br

DOCTORANDA: DINTER-UNICAMP/UNEMAT/CAPES/FAPEMAT

² Texto referente ao Painel 3, p.109, apresentado no Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação-Formação de Professores-Educação Escolar Indígena. Vol. 04. Brasília, 2002.

Em relação à Linguística, é preciso deslocar-se da prática meramente formal, ao tratar o ensino do Português como segunda língua (LP2) ou, mesmo, quando se toma as línguas indígenas como parâmetro para o ensino de LP2, para um ensino que produza efeitos de sentido, numa perspectiva que se situa no funcionamento da linguagem nas diversas práticas tanto dentro quanto fora da escola, do modo como vimos trabalhando no **Projeto Ibaorebu de Ensino Médio Integrado Munduruku**.

A Aldeia Sai-Cinza, a mais próxima da cidade de Jacareacanga, por exemplo, não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios. Ali o Rio Tapajós é o limite, marca a fronteira, o *habitar a fronteira* significa, muito mais, porque ela já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações e como tal é preciso ser considerada no desenvolvimento do Projeto.

As condições de produção linguística da/na fronteira marcam fortemente a vida desse povo. A pressão a que a língua está exposta diante do Português, língua da sociedade dominante e majoritária, se apresenta no modo de viver dos Munduruku de Sai-Cinza em relação, mesmo, aos Munduruku de outras aldeias mais distantes, que se encontram ali na época do Curso, exigindo que nossa atenção seja redobrada, de modo a alcançar a demanda pela LP2. Nesse ponto, é importante ressaltar que o papel do professor Munduruku, bilingue, que nos acompanha é fundamental, como é fundamental entrar na história desse povo, conversar com as famílias na aldeia, sentir, ficar ali/observar/perceber/viver...



Intervalo de Seminário Aberto com todos da Aldeia. Os direitos autorais da foto são da prof^a. Ana Luiza. Autorizada para utilização em materiais referentes ao IBAOREBU. (2010-Sai-Cinza-PA).

Para Albuquerque (2002, p.5), é preciso “estudar o passado para entender o presente, para dar densidade ao hoje, para poder se situar no tempo-espaço em movimento”.

Um dos componentes do Curso, o Seminário Aberto, passou a ser um dos pontos-chave para que os alunos percebessem a importância de conhecer e “reaprender” sua própria cultura e história e um incentivo para pesquisar junto aos mais velhos de cada aldeia. A experiência de estar podendo escrever a história de si mesmos através da voz do seu povo, no caso, principalmente, dos mais velhos que se tornaram ‘bibliotecas

vivas', acervos raros para aprender a cultura, a história tradicional mostra um modo de fazer *diferenciado*.

Considerando o exposto e o desejo de contribuir para a compreensão dessa atividade fundamental: "TRABALHAR LP COM ÍNDIOS", faço valer, essas reflexões, a minha prática e os estudos que desenvolvo, pois é necessário re-significar o espaço de contato e compreensão do ensino de LP2 para as necessidades dos povos indígenas na atualidade.

Diante disso, suponho que, cada vez mais, é preciso desenvolver a leitura e os múltiplos modos de ler além da letra é, e que se é na Produção da Escrita, Leitura, interpretação que as relações sociais se consolidam, os povos de tradição oral em contato com a sociedade contemporânea precisam ter acesso à leitura e escrita e aos meios e modos de sua circulação.

2-O trabalho

A partir dessa breve reflexão, passo à proposta de trabalho como desenvolvida na **5ª Etapa Intensiva do Projeto**. No geral o objetivo foi:

Trabalhar Linguagens, Leitura, escrita e gênero, apontando para as relações que se estabelecem entre esses o sujeito, a história, a ideologia, a política, o mundo.

Em específico propusemos alguns objetivos, que seguem:

- Identificar questões referentes ao processo de leitura e escrita do grupo de professores/alunos do Projeto;
- Compreender e refletir sobre o modo como as questões relacionadas à língua não estão desvinculadas das práticas sociais;
- Discutir sobre a importância de se reconhecer, numa sociedade de escrita, os vários tipos de texto que circulam e regulamentam a vida;
- Perceber as contribuições dos estudos realizados tanto para a pesquisa quanto para o ensino da língua Portuguesa como segunda língua.

No sentido de atingir os objetivos propostos dividi o Curso em **5** partes, como segue:

a)- Apresentação da proposta de trabalho

- Explicitação do conceito de língua (estrutura e funcionamento). Elaboração de um ACRÓSTICO com os nomes dos participantes, mostrando o tipo de texto, a construção. Aproveitamos para discutir sobre processos de nomeação em sociedades diferentes,
- Esquematização dos Aparelhos Ideológicos de Estado, enfocando o Aparelho Jurídico como Regulador, textos que se caracterizam como documentos (Certidão de Nascimento, Matrícula escolar, Regimentos, Estatutos e outros), que organizam a sociedade fazendo um paralelo com sociedades de tradição oral.

- Discussões relacionadas a essa questão: A identidade Indígena X a Identidade Civil.

- Explicação geral sobre as diversas relações que se estabelecem entre as várias manifestações de linguagem e os diferentes sujeitos. (escrita, oral, gestual, teatral, pictórica, cinematográfica).
- Propusemos a elaboração de um Diário (A cada dia, cada participante teve um tempo para recuperar as atividades realizadas e relatá-las em um caderno).
- Dedicamos um espaço para a língua Munduruku, na produção de textos. Refletimos, por exemplo, sobre o que a língua oferece para os diversos gêneros textuais.

b)- Leitura do livro FLICS do Ziraldo (fiz uma adaptação em *powerpoint*),

- O texto serviu de suporte para a discussão sobre o discurso da inclusão/exclusão, diferença/diversidade. Lembrando que esse discurso é essencialmente contraditório, na medida em que ele próprio produz os sentidos de exclusão.
- Após as apresentações de diversos livros, propusemos a produção de um livro coletivo. Os textos foram histórias do povo.

c)- Filme: “Escritores da liberdade”

- Após a discussão do filme propusemos uma “Gincana Show Relâmpago”, cada grupo preparou um número relacionado com as temáticas estudadas (música, teatro, história, poesia, pintura, jornal).

d)- Coleta de materiais escritos que circulam na Aldeia.

Montagem de um mural-leitura e interpretação dos materiais coletados. Tipos de texto, função. É importante registrar que cada tipo de texto trabalhado provocou a discussão sobre a diversidade de textos que circula em nossa sociedade, e os seus efeitos.

Os participantes foram orientados para a elaboração de um cartaz.

No decorrer do curso, os participantes foram motivados a pensar em propostas para transposição em sala de aula com os seus alunos.

No fechamento do Curso fizemos o lançamento dos livros com as histórias do povo Munduruku. Os diários e demais trabalhos foram também expostos. Seguem algumas fotos para ilustração.



Algumas Considerações

Considerando que o compromisso como educadora é oportunizar aos alunos uma experiência em que a leitura e a escrita sejam processo de inscrição social, isso eu tentei fazer o tempo todo.

Para que essa visão se fizesse com os professores Munduruku, a pesquisa foi concebida no sentido de alargar horizontes e cobrir aspectos nunca sonhados (não permitidos) por eles. Assumimos, no Curso, a pesquisa como produção de sentidos, propiciando a investigação como atividade prazerosa e emancipadora.

A cada parte do Curso refletimos sobre a importância da pesquisa para a produção do conhecimento. Sempre, com o cuidado de não atribuir valores aos comportamentos discutidos para se evitar maniqueísmos simplistas.

Também, gostaria de dizer que ao promover uma discussão quanto as diferenças de modos de vida não objetivei mudar o comportamento dos Munduruku, pois se eles devem ou não utilizar o nosso conhecimento, a nossa língua, se vão desenvolver uma pragmática de contato ou vão manter a pragmática indígena para reafirmar sua identidade étnica, são questões que não me compete decidir. Não cabe ao educador ditar comportamentos discursivos ou quaisquer outros.

Penso que o nosso papel é não sonegar informações sobre as diferenças, culturalmente determinadas, de modo que todos, índios e não-índios, possam tomar decisões quando interagem uns com os outros.

É preciso sempre estar atento e refletir se em nossa prática contribuímos para que os sentidos circulem ou reforçamos o apagamento dos possíveis sentidos e assim do sujeito.

Essa experiência me deixou a certeza de que não se pode propor um sistema pedagógico pronto e acabado, mas contribuir para que cada escola indígena consiga construir os seus próprios sistemas autônomos, e que esses sejam integrados e reconhecidos no sistema nacional.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Judite G. “O sentido da diferença na Pedagogia Indígena: oportunidades amplas, tensões, formas limitadas de operar com a diferença”. Campinas: UNICAMP, 13º COLE, 2002.

_____. “O papel da Antropologia, da Linguística e da Pedagogia na Educação Escolar Indígena”, <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol4b.pdf>, acesso em 10 de novembro de 2010.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro, Graal, 1969.

MARCUSCHI, L. A. **Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais**. Recife; UFPE, 1999.

CAMARGO, Dulce M. P.; ALBUQUERQUE, Judite G. “Língua, cultura e territorialidade: formação de professores índios no Brasil Central”. *Humanitas, Revista do ICH/PUC de Campinas*, v. 2, n. 2, ago. 1998.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento – As formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. “Reflexões sobre escrita, educação indígena e sociedade”. *Escritos – Escritas, Escritura, Cidade (I)* n. 5, Labeurb (Laboratório de Estudos Urbanos). Unicamp, 1999.

Obs: As fotos são de acervo próprio, tiradas pela prof^a. Maria Luiza a quem dou créditos autorais. Tenho autorização para publicá-las.